

Riscos e vulnerabilidades nas margens do Rio São Francisco: etnografia, escrita e marginalidade¹

Risks and vulnerability at the banks of the São Francisco River: ethnography, writing and marginality

João Victor Gomes Varjão

Universidade do Estado da Bahia, Eunápolis, Bahia, Brasil

RESUMO

Este artigo analisa as dinâmicas de risco e vulnerabilidade nas práticas de pegação à margem do Rio São Francisco, em Juazeiro da Bahia, a partir de uma abordagem etnográfica que se desenvolveu ao longo de um trabalho de campo contínuo. A pesquisa observa como o desejo, a precariedade e a racialidade atravessam os encontros sexuais nesse território, onde anonimato e clandestinidade operam tanto como proteção quanto como ameaça, compondo um cenário em que os sujeitos negociam constantemente sua presença e seus limites. A partir da experiência etnográfica, construída por meio de observação participante prolongada, circulação cotidiana pelas trilhas e conversas situadas com frequentadores, o estudo explora a ambivalência entre prazer e medo, desejo e exclusão, destacando como as interações são mediadas por códigos tácitos de reconhecimento que orientam aproximações, recusas e formas de manejo do risco. Frequentadores negociam sua presença e interações por meio de gestos e movimentações discretas, ajustados às condições materiais do espaço — iluminação, fluxo de pessoas, presença policial — e às próprias vulnerabilidades que atravessam seus corpos e trajetórias. Esses modos de interação revelam não apenas estratégias de proteção, mas também dinâmicas específicas de constituição do desejo, no qual a penumbra e a incerteza intensificam a experiência erótica. O artigo contribui para uma reflexão sobre sexualidade, territorialidade e vulnerabilidade ao evidenciar como práticas dissidentes se estruturam em contextos marcados por desigualdades raciais e socioeconômicas, ampliando a compreensão das experiências marginais e seus desafios metodológicos, éticos e teóricos na produção antropológica.

Palavras-chave: Sexualidade, Vulnerabilidade, Etnografia, Trabalho de campo.

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001. A pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (PPGAS/USP), sob orientação do professor doutor Júlio Assis Simões.

Recebido em 15 de agosto de 2024.

Avaliador A: 10 de outubro de 2024.

Avaliador B: 22 de outubro de 2024.

Aceito em 21 de março de 2025.



ABSTRACT

This article analyzes the dynamics of risk and vulnerability within cruising practices along the banks of the São Francisco River, in Juazeiro, Bahia, drawing on an ethnographic approach developed over continuous and long-term fieldwork. The research examines how desire, precarity, and racialization shape sexual encounters in this territory, where anonymity and clandestinity operate both as protection and as threat, producing a scenario in which subjects constantly negotiate their presence and their limits. Based on ethnographic experience—built through prolonged participant observation, daily circulation along the trails, and situated conversations with frequenters—the study explores the ambivalence between pleasure and fear, desire and exclusion, highlighting how interactions are mediated by tacit codes of recognition that guide approaches, refusals, and strategies for managing risk. Frequenters negotiate their presence and interactions through discrete gestures and subtle bodily movements, adjusted to the material conditions of the space—lighting, flow of people, presence of police—and to the vulnerabilities inscribed in their bodies and trajectories. These modes of interaction reveal not only protective strategies but also specific dynamics in the constitution of desire, in which dimness and uncertainty intensify erotic experience. The article contributes to reflections on sexuality, territoriality, and vulnerability by showing how dissident practices are structured in contexts marked by racial and socioeconomic inequalities, thus expanding the understanding of marginal experiences and their methodological, ethical, and theoretical challenges within anthropological production.

Keywords: Sexuality, Vulnerability, Ethnography, Fieldwork.

OS EMARANHAMENTOS DAS MARGENS

Neste artigo, debruço-me sobre a maneira pela qual narrativas sobre perigo e risco, muitas vezes centradas em corpos racialmente marcados, foram constantemente questionadas e refletidas ao longo de um trabalho de campo, tornando-se centrais para a construção do meu problema de pesquisa. Nesse sentido, este artigo objetiva compreender as dinâmicas de risco e vulnerabilidade em contextos de pegação nas margens do Rio São Francisco, analisando as experiências vividas no processo intersubjetivo entre etnógrafo e interlocutores. O artigo contribui para uma compreensão mais profunda das interseções entre posição social, experiências de risco no campo e a produção de conhecimento antropológico, abrindo espaço para reflexões sobre vulnerabilidade, risco e o impacto dessas experiências na prática etnográfica.

Meu trabalho de campo começou de maneira precária, durante a pandemia de Covid-19, em 2021. Nos primeiros meses da pandemia, segui rigorosamente as regras de afastamento

social, limitando-me a receber compras via aplicativos de entrega e passar horas em frente aos aparelhos eletrônicos, que eram os únicos companheiros naquele momento. A partir de abril de 2021, no entanto, decidi voltar a andar de bicicleta. Ainda que não houvesse vacinas para todos, naquele momento, tomei o risco de me aventurar pelas ruas da cidade, portando máscaras no rosto e um frasquinho de álcool em gel no bolso. Nessas idas e vindas, eu optava por percorrer vias com poucos transeuntes, geralmente, indo a estradas mais afastadas de Juazeiro da Bahia, cidade onde eu estava residindo. Nesse intermédio, ao longo dos meses, e quando tomei a primeira dose da vacina, tive vontade de começar a andar pela orla da cidade, à beira do Rio São Francisco, onde existe uma pequena ciclovia beira-rio, com cerca de três quilômetros de tamanho.

Ao entardecer, cotidianamente, andava por esse caminho em minha bicicleta. A cidade começou a tomar novas formas, novos espaços. Os fluxos constantes, os transeuntes, os bares, as barquinhas, os pedestres: a beira do rio tinha uma sociabilidade própria envolvendo questões de tempo, dinheiro, lazer e trabalho. À medida que ia me acostumando com a beira do rio, começava a notar práticas que fugiam do habitual — os estranhamentos começavam a surgir na paisagem que se familiariza. À princípio, ocorria-me perceber a quantidade de territórios escuros que havia ao longo da ciclovia, com arbustos, árvores e trilhas escuras, cuja curiosidade ia gradativamente tomando forma em mim. Eu notava pessoas transitando entre as luzes do poste e essas trilhas, sorrateiros, desconfiados, sombra adentro. Considerei que eram usuários de drogas ou mesmo traficantes, agindo nos espaços às margens da cidade. A curiosidade foi tomando forma concreta quando vi um conhecido adentrar em um dos espaços, o mais afastado da orla da cidade, cuja escuridão era predominante e o fluxo era bem contido. Na euforia de o ver entrar, desci da bicicleta, disfarçadamente, em um movimento que viria a descobrir ser comum na maioria das pessoas que ali passavam: observando a vista ou pretendendo urinar em um lugar mais afastado, à espreita, fingindo não saber o que estava acontecendo — “dando uma de doido” como costumavam dizer, quando um homem entrava e ficava rodeando o espaço, fingindo que não sabia de que se tratava. Observei sua figura sumir, por entre as árvores, misturando-se com a sombra. Com o corpo fervendo, tomei impulso, segui atrás, bicicleta em mãos: entrei no escuro.

Fiquei um tempo parado, sob as árvores, tentando encontrar a figura conhecida perdida nas sombras. No escuro, a dificuldade de visualizar formas não permitia encontrá-lo, nem compreender o que acontecia no espaço. Foi preciso alguns minutos para minha vista se acostumar com o escuro, dar forma às sombras e perceber as silhuetas que se formavam na paisagem noturna. A trilha escura era, na verdade, um espaço considerável à beira do Rio, bastante arborizado e com alguns troncos caídos, semelhante a um parque aberto. Notei que próximo a mim, a cinco metros de distância, havia cinco ou seis pessoas, paradas, observando-

me. Elas estavam bastante próximas e não conversavam. Não demorei a reconhecer a figura do meu conhecido, encostado em um dos troncos caídos, junto a outro homem, acariciando suas partes íntimas e olhando diretamente para mim. Excitado, envergonhado e em frisson, saí do local imediatamente, arrastando a bicicleta e retornando à parte mais iluminada da orla.

O encontro inesperado na trilha escura transformou-se em uma série de incursões exploratórias, cada uma mais intrincada que a anterior. Na segunda visita, nos dias subsequentes, a tensão e o medo permaneceram, intensificados pelas sombras que obscureciam minha visão e confundiam meus sentidos. Ao adentrar o espaço, dessa vez, uma necessidade de compreensão emergiu. Os caminhos pelo espaço revelaram-se complexos, oferecendo múltiplas possibilidades e potenciais encontros. O tronco próximo à entrada, antes apenas um ponto de referência, agora era parte de uma geografia erótica, na qual interações se desenrolavam. Esse tronco era um local mais visível do espaço. Ele era o ponto de partida para os encontros, mas não o palco principal das interações íntimas, as tais “pegações” como eles denominavam, que migravam para locais mais resguardados quando a presença de observadores aumentava.

Aquele encontro inesperado na trilha escura da orla do Rio São Francisco despertou em mim uma série de reflexões e questionamentos sobre as complexidades que surgiram naquele breve instante. Afinal, o que se desenrolava naquele espaço afastado e sombrio à beira do rio? O frisson da descoberta misturava-se à curiosidade, desafiando minhas concepções prévias sobre os limites da minha cidade e de sua vida noturna e erótica. As trilhas escuras, antes meros corredores sombrios, agora ganhavam significados múltiplos: eram refúgios secretos, palco de encontros furtivos, uma margem que coexistia com a luminosidade aparente da cidade, sua orla. Na medida em que explorava mais, observei diferentes grupos de pessoas compartilhando experiências íntimas, como se a escuridão propiciasse uma espécie de anonimato que, se não liberava suas vontades, permitia que uma vazão do desejo fosse vivida, tal qual o rio que corria, frenético, nas margens.

Em uma dessas idas à beira do rio, ainda compreendendo a dinâmica que ali acontecia, conheci Ricardo². Ele era um jovem de dezoito anos, pele bastante queimada de sol. Ao contrário dos outros frequentadores, ele vivia caminhando, abordando um e outro de maneira mais insistente. A primeira vez que ele se aproximou de mim, disse-me: “Me arranja dois reais aí?”. Eu respondi que não tinha dinheiro e ele seguiu conversando com outras pessoas. Eu notava que ele não só pedia dinheiro. Quando a pessoa lhe dava algum trocado, ele guardava o dinheiro, “apertava a ‘mala’”³ e perguntava: “Arranja quanto para gente curtir?”. As pessoas geralmente

2 Os nomes dos interlocutores mencionados são fictícios, prezando pela privacidade dos colaboradores.

3 “Apertar a ‘mala’” é uma expressão referente a pessoas que acariciam suas partes íntimas, embora estejam vestidas, se tornam volumosas, formando uma “mala”. No meu contexto etnográfico, em geral, indica interesse erótico, tornando-se uma das formas mais diretas de aproximação.

recusavam sua oferta, de modo que a quantidade de homens que aceitava era bem inferior. Na maioria das vezes, eles aceitavam quando estavam sozinhos, sem que outros frequentadores soubessem, à sombra. Similar a Ricardo, comecei a notar uma considerável presença de rapazes, bastante semelhantes a ele, em questão de raça, classe social, em sua maioria, pedindo algum dinheiro em troca de uma “curtição”. Mais do que encontros isolados, a presença desses rapazes parecia constituir uma sociabilidade particular do território, cujo desejo, sexualidade e marginalidade pareciam entrelaçar-se em um “emaranhado ambíguo” (Williams, 2013).

Recorro ao conceito de Erica Lorraine Williams (2013) para refletir sobre essas experiências e suas interações no território mencionado. Em seu contexto etnográfico, a autora emprega o conceito para capturar a complexidade e a diversidade das conexões e relacionamentos que se formam na chamada “fronteira etnossexual”. O termo “ambíguo” destaca a natureza incerta e multifacetada dessas interações. Sua complexidade reside na dificuldade de decifrar as motivações, desejos e intenções das pessoas envolvidas nessas interações. Essa ambiguidade torna-se mais evidente quando esses relacionamentos transpassam fronteiras de idade, raça, classe e território, abrangendo uma ampla gama de contextos culturais. No contexto etnográfico da beira do Rio São Francisco, é perceptível que determinados marcadores se entrelaçam nas experiências, muitas vezes contraditórias e ambíguas. O conceito é uma maneira sintetizada de refletir sobre a maneira pela qual os marcadores sociais da diferença, ao contrário de estarem separados, constroem-se e emaranham-se de maneira relacional (Simões; França; Macedo., 2010).

Minha participação no campo ocorreu de forma imersiva entre observação e diálogo. Nos momentos de pegação, a posição do pesquisador é ambígua: sua presença pode ser interpretada como a de um participante, um curioso ou um estranho. Essa ambiguidade foi administrada com base em uma escuta atenta e em interações graduais, nas quais o diálogo emergia de maneira orgânica. Embora o anonimato e o silêncio sejam aspectos valorizados nesses espaços, a conversa ainda se fazia presente, sobretudo em momentos de espera, deslocamento ou após os encontros sexuais. Muitos interlocutores compartilhavam experiências e percepções sobre o território, os riscos e os desejos que os levavam à margem, proporcionando uma compreensão mais aprofundada da dinâmica do espaço. Quanto à frequência e à duração do trabalho de campo, as incursões foram realizadas ao longo de quatro anos, com visitas semanais que variavam em duração conforme as dinâmicas observadas. Geralmente, permanecia na margem entre cinco horas diárias, dependendo do fluxo de pessoas e da intensidade das interações. Os horários de presença também foram variados, contemplando momentos de maior e menor movimentação, a fim de captar diferentes facetas das práticas e dos percursos desejantes.

AS PEGAÇÕES À MARGEM DO RIO SÃO FRANCISCO

A princípio, é necessário refletir sobre o contexto urbano em que o trabalho está inserido, bem como realizar um preâmbulo sobre as pegações à margem do Rio São Francisco. A cidade em que esta pesquisa está localizada é Juazeiro da Bahia, situada ao norte do estado, com uma população estimada em mais de 200 mil habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), em sua maioria composta por pessoas pretas e pardas. Juazeiro compartilha uma proximidade geográfica significativa com Petrolina, de Pernambuco, que tem uma população superior a 380 mil residentes (IBGE, 2022). Essas duas cidades não podem ser analisadas de forma isolada, uma vez que integram o polo do Vale do São Francisco, estando intrinsecamente interligadas em diversos aspectos, desde a composição demográfica até às atividades comerciais. Ressalta-se a importância de considerar a interdependência entre Juazeiro e Petrolina, uma vez que essa sociabilidade sexual beira-rio, observada na região, é experimentada tanto pelos habitantes de Juazeiro quanto pelos de Petrolina, além dos turistas que ocasionalmente exploram o espaço.

Essas cidades são tomadas, neste trabalho, como *cidades do interior* ou, pelo menos, como cidades que compartilham uma *interioridade* (Gontijo; Erick, 2015), alinhando-se à vasta produção amazônica sobre diversidade e território (Azevedo, 2021; Domingues, 2019; Gontijo, 2024; Gontijo; Domingues; Erick, 2016; Gontijo; Erick, 2020). Segundo Gontijo e Erick, a interioridade pode ser definida de maneira relativa como “um espaço-tempo que transita entre ruralidade e urbanidade, confundido pela dinâmica da etnicidade” em contextos diversos (Gontijo; Erick, 2015, p. 31). Como foi mencionado por muitos interlocutores, a escolha de frequentar as margens, com o objetivo de aventuras sexuais, muito se dá pela limitação de espaços voltados inteiramente para sociabilidade homossexual e erótica, como saunas, cines pornô e outros lugares. No entanto, é também importante afirmar que esse não é o único motivo pelo qual as margens são escolhidas, havendo também questões de disponibilidade, preferências e vontades particulares dos frequentadores em questão.

Ao longo das margens do Rio São Francisco, do lado de Juazeiro, existe uma presença significativa de estabelecimentos comerciais locais adjacentes, sobretudo bares e restaurantes, que estão intrinsecamente ligados às experiências ribeirinhas. Esses locais são caracterizados pelo consumo de bebidas alcoólicas e de uma alimentação predominantemente baseada em peixes. A cena à beira do Rio São Francisco é delineada por um grupo de aproximadamente cinquenta pessoas, cuja composição varia conforme as condições climáticas e os dias da semana, alcançando sua expressividade máxima nos fins de semana. Essas pessoas ocupam cadeiras e mesas de plástico, características de bares populares, ostentando as marcas de

cerveja. Ao mesmo tempo, caixas de som dispersam amplamente músicas na atmosfera, proporcionando uma experiência sensorial particular. A sociabilidade desses espaços está diretamente relacionada ao usufruto do Rio São Francisco, de modo que há uma presença mais considerável de frequentadores no período diurno, especialmente quando o tempo está mais ensolarado. As pegações podem acontecer durante o dia, mas ocorrem de maneira esparsa e reduzida, intensificando-se ao crepúsculo vespertino e no período noturno, cuja iluminação é reduzida; sendo o escuro um dos atributos mais mencionados pelos frequentadores.

Nas minhas observações, destaquei a presença predominante de pessoas negras nesses espaços, em sua maioria homens e mulheres cisgêneros, de diferentes estratos socioeconômicos baixos, embora haja também a presença de outras pessoas. Notavelmente, mesmo estando na orla da cidade, uma área em que a presença de estabelecimentos de consumo mais elitizados é marcante, essa população encontra formas de lidar com questões relacionadas ao dinheiro, consumo e vivência do lazer. Essa dinâmica evidencia a capacidade dos frequentadores de criar e desfrutar de espaços de lazer à sua própria maneira, em contraste com a dinâmica mais elitizada e dispendiosa que pode ocorrer nas imediações. É relevante mencionar, ainda, que esse consumo também envolve outras substâncias psicoativas, embora seja de maneira mais contida e localizada, sobretudo substâncias como cocaína, maconha e crack. Essas substâncias, muitas vezes, desempenham um papel relevante nas práticas sexuais. Explico: muitas das pessoas envolvidas nessas interações sexuais já estão presentes no ambiente, participando do consumo e observando a movimentação. Apesar da presença de pessoas que não estavam inicialmente no local, os consumidores geralmente prolongam suas atividades nas trilhas ao longo da beira do Rio. Isso ocorre especialmente quando buscam recursos financeiros para adquirir mais bebidas ou substâncias. Em geral, são homens que prestam esses serviços sexuais.

A pegação é um termo comum para o público frequentador e muito usado para expressar as formas de intimidade e as práticas sexuais vivenciadas no território. A pegação nas margens do Rio São Francisco envolve uma série de práticas: olhares, insinuações, piscadelas, beijos, masturbações, entre outras, que ganham conotações sexuais justamente por estarem no território. Para alguns interlocutores, mesmo quando não há sexo, o território emana sensações prazerosas, de modo que a pegação apreende uma multiplicidade de possibilidades eróticas. Na antropologia brasileira, Thiago de Lima Oliveira e Silvana Nascimento (2015) tomam o termo de maneira polissêmica, justamente, pela amplitude de seus usos: “Pode-se chamar de pegação qualquer relação de flerte, paquera e namoro entre desconhecidos, como também se pode chamar assim o local em que essas relações acontecem” (Oliveira; Nascimento, 2015, p. 46). Essa mesma amplitude é compartilhada na pegação das margens do Rio São Francisco. George, um frequentador das margens, me explicou que, mesmo quando não goza, sente prazer ao ir às margens: “Você já fica com uma coisa no corpo. Assim que você entra, você já fica

com a adrenalina... A adrenalina sobe, entendeu? Eu não sei se é o cheiro de sexo que fica no lugar, não sei, mas alguma coisa tem que meio que já eleva os hormônios e a coisa no corpo, entendeu?”.

O público frequentador das pegações é majoritariamente composto por homens, e as pegações podem ou não envolver dinheiro, embora isso não seja definido a priori. Os homens que costumam pedir alguma ajuda⁴, geralmente dinheiro, também me afirmaram que pode acontecer sem envolver a transação monetária. Moisés, um frequentador que na maioria das vezes costuma cobrar para participar da pegação, me disse que às vezes acontece de ele ir para desestressar: “O cara tá estressado, o cara vem pra... Pra dar uma gozada... Com a cabeça cheia assim... Aí o cara vem tirar o estresse!”. O dinheiro não delimita a pegação, embora muitas vezes possa facilitar que a interação sexual aconteça. Nesse sentido, as pegações não podem ser definidas de maneira fixa; na maioria das vezes, têm a ver com a interação, o interesse e a disposição dos envolvidos. A trama sexual nesse sentido é relacional, envolvendo uma série de fatores, e os frequentadores podem ocupar o lugar de clientes, prestadores do serviço sexual ou simplesmente frequentadores em busca de sexo casual. Há homens, no entanto, que geralmente pedem alguma ajuda monetária para fazer uma pegação nas margens do rio: os rapazes em situação de rua, que não possuem uma residência fixa e usam crack.

O DESEJO EM PENUMBRA

Como menciono no início do artigo, à noite, nas margens do rio, o escuro é predominante no espaço, bastante semelhante a um parque aberto. Os homens vêm e vão quando estão “caçando”⁵. A falta de iluminação propicia que as interações sexuais aumentem, por isso, o período noturno é o que mais possui homens curtindo no espaço. Os frequentadores do ambiente

4 A “ajuda” é um conceito-chave nas interpretações sobre prostituição e trabalho sexual no Brasil. Essa noção foi inicialmente explorada por Fonseca (1996) como uma prática multifacetada nas relações conjugais de mulheres que trabalham na prostituição de rua, envolvendo suporte financeiro e emocional dos parceiros em uma lógica de reciprocidade e negociação constante sobretudo com homens mais velhos (“o velho”). Piscitelli (2011) expande essa discussão ao situar a “ajuda” como uma contribuição econômica e afetiva em relações marcadas por desigualdades de classe, geração e raça/cor, diferenciando-se da prostituição ao ser vista como uma forma de amparo e cuidado. Passamani (2017) complementa essa perspectiva, analisando a “ajuda” em contextos de relações intergeracionais entre homens no Pantanal de Mato Grosso do Sul, destacando que, nessas transações, o afeto e a dádiva são enfatizados para dissociar a prática da prostituição. De modo geral, a noção tem sido central na interpretação de relações afetivo-sexuais que envolvem trocas monetárias e/ou simbólicas. Em meu campo etnográfico, a ajuda pode se expandir para bebidas alcoólicas, alimentos, roupas e substâncias psicoativas.

5 Termo nativo, mas amplamente utilizado em outras pesquisas, como menção à busca por práticas sexuais.

noturno, solitários ou em grupos, exibem comportamentos diversos: alguns dialogam, enquanto outros permanecem em silêncio, observando de maneira furtiva; alguns se masturbam, outros tentam aproximação. A territorialização do desejo não é um fenômeno isolado. Assim como as análises de Adam Isaiah Green, Julian Holloway e Phil Hubbard . (2010) demonstram, os espaços destinados ou apropriados para interações sexuais são permeados por atmosferas que regulam os encontros, estabelecendo zonas de acessibilidade e restrição baseadas em códigos tácitos de reconhecimento. No caso da margem do Rio São Francisco, observamos um fenômeno semelhante: um espaço que, a despeito de sua aparente fluidez, opera segundo dinâmicas específicas de circulação, pertencimento e exclusão. De acordo com Lopes (2020), que investigou o banheirão em um supermercado de Salvador, os espaços não são neutros; eles são performados por aqueles que os ocupam e, assim, passam a ser lidos como locais de desejo ou perigo, dependendo das interações que ocorrem ali. Essa ressignificação também ocorre na margem, onde diferentes grupos disputam o uso do território. Como destaca De Certeau (1984), a prática cotidiana transforma os espaços em lugares de resistência, deslocando os sentidos normativos da cidade.

Por outro lado, o silêncio não é sinônimo de ausência de comunicação, mas um regime discursivo alternativo. Conforme Maycon Lopes (2020) analisa, nos encontros em banheiros públicos, a comunicação verbal é mínima e os gestos assumem um papel central na negociação do desejo. Esse padrão também pode ser observado na margem, onde olhares, gestos sutis e movimentações específicas sinalizam disponibilidade e consentimento sem que uma palavra seja dita. Goffman (1963) descreve como a interação social em espaços públicos frequentemente se dá por meio de códigos implícitos, que regulam não apenas a entrada e saída de sujeitos, mas também a hierarquia de interações possíveis. Esse conceito ajuda a compreender como os frequentadores da margem negociam sua presença e interações, muitas vezes mantendo uma postura discreta que minimiza os riscos associados à visibilidade.

Figura 1. Uma das encruzilhadas à margem do Rio São Francisco



Fonte: Varjão, 2024.

A fotografia (Figura 1) apresentada captura visualmente a atmosfera de anonimato e ambiguidade que permeia as interações sexuais nas margens do Rio São Francisco. O registro imagético não apenas documenta um espaço físico, mas também evoca as sensações de tensão, desejo e perigo que atravessam os frequentadores. A ausência de iluminação destaca a precariedade do ambiente e reforça a necessidade de estratégias corporais e espaciais para navegar nesse território. A imagem também sugere a fluidez das interações no espaço, no qual as fronteiras entre público e privado, visível e oculto, são constantemente negociadas. A escuridão opera como um elemento tanto protetor quanto desestabilizador: ao mesmo tempo em que permite encontros furtivos, ela também intensifica a sensação de vulnerabilidade e risco. Nesse sentido, a fotografia compõe-se como um elemento analítico que ajuda a compreender como a materialidade do espaço influencia as dinâmicas de desejo e segurança.

A imagem da margem escura do Rio São Francisco não apenas ilustra a atmosfera de anonimato e ambiguidade, mas também funciona como um operador espacial e social do desejo, moldando as formas como os corpos se encontram, se percebem e interagem. A ausência de iluminação não é um mero dado ambiental; ela constitui uma tecnologia da clandestinidade, um elemento que regula o fluxo de corpos e práticas no espaço. A falta de iluminação reforça a ideia de que determinados desejos só podem emergir em territórios de opacidade, nos quais a

ausência de visibilidade pública cria as condições para que práticas dissidentes se desdobrem. Espaços mais iluminados e controlados pelo olhar normativo tendem a excluir experiências de desejo que fogem da norma heterossexual e da privatização do sexo. Na margem, ao contrário, a penumbra permite que gestos, aproximações e negociações sexuais ocorram sem a mediação de códigos formais explícitos. O escuro, portanto, não apenas encobre, mas possibilita.

Essa mesma escuridão, no entanto, não neutraliza a experiência de vulnerabilidade — pelo contrário, ela a intensifica. Os corpos que circulam nesse espaço não são apenas protegidos pelo anonimato, mas também expostos à imprevisibilidade do ambiente. O que garante a liberdade de certos encontros também amplia a sensação de risco, pois a invisibilidade pode tanto preservar quanto ameaçar. A margem se torna, assim, um espaço paradoxal: ao mesmo tempo que opera como um território de liberdade, também exige que seus frequentadores administrem o medo, a tensão e a iminência da violência. Essa tensão entre desejo e perigo é vivenciada pelos frequentadores e pelo próprio pesquisador. A experiência etnográfica revelou como o corpo do etnógrafo se insere nesse jogo de presença e ocultação, no qual a percepção sensorial é transformada pela necessidade de adaptação ao espaço. A dificuldade de distinguir rostos, a necessidade de ajustar os gestos e os deslocamentos e a leitura de códigos sutis se tornam partes fundamentais da experiência no campo. A vulnerabilidade não é apenas um estado físico, mas um estado relacional, que se atualiza nos encontros e negociações dentro da margem.

Assim, a fotografia da margem escura do Rio São Francisco sintetiza as dinâmicas que estruturam as interações nesse território. Ela evidencia como a materialidade do ambiente — a falta de luz, as trilhas ocultas, a presença intermitente de corpos — modela o desejo, regula os acessos e impõe desafios à presença etnográfica. A escuridão, longe de ser um pano de fundo neutro, é um agente ativo na produção da experiência da pegação na margem, sendo simultaneamente refúgio e ameaça, proteção e exposição, liberdade e risco. Em grande medida, a tensão e o medo são afetos centrais na experiência do pesquisador em espaços marginalizados e, nesse estudo, foram vivenciados de maneira intensa. Como já apontado em pesquisas que investigam práticas sexuais em contextos periféricos (Lino e Silva, 2023), esses sentimentos não são exclusivos dos interlocutores, mas também atravessam o próprio etnógrafo, revelando sua vulnerabilidade e exigindo reflexões contínuas sobre sua inserção no campo. Em diversas incursões à margem do Rio São Francisco, minha presença foi marcada por um constante estado de alerta, especialmente em horários noturnos e em momentos de maior movimentação. Esse estado de atenção não apenas refletia o reconhecimento dos riscos associados ao espaço, mas também se tornava um elemento metodológico fundamental para compreender como os próprios frequentadores negociam o perigo e a discrição em suas interações.

RISCOS, PERIGOS E VULNERABILIDADES NAS MARGENS

Por isso, as narrativas sobre riscos, perigos e exposições nas margens do Rio São Francisco tornaram-se comuns em minha experiência de campo. Constantemente, os frequentadores me alertavam sobre os perigos do espaço: recomendavam-me que não ficasse sozinho com pessoas que estivessem usando crack ou em situação de rua, tampouco, entrasse nas veredas desacompanhado. Em geral, as acusações e as reclamações centravam-se em torno dos homens que estavam em situação de rua e usuários de crack, sobretudo, por essa narrativa de perigo atrelado a eles. Por um lado, eu prezava pela minha segurança e, nas minhas primeiras idas, ficava tenso na maioria das vezes, preferindo ficar nas margens quando havia pessoas próximas e, de preferência, conhecidas. No entanto, chamava-me a atenção essas narrativas, porque, curiosamente, essas mesmas pessoas que salientavam que eu tomasse cuidado, volta e meia surgiam depois de uma aventura no mato com um desses rapazes.

Os encontros sexuais em espaços públicos não estão isentos de controle e repressão. Em seu artigo, Marlon Rosário (2024) discute as dinâmicas das pegações na praia do Jardim de Alah, em Salvador, demonstrando como esses encontros são regulados por normas tácitas entre os frequentadores, mas também por ações policiais e políticas de higienização urbana. Esse padrão pode ser observado na margem do Rio São Francisco, onde a presença de agentes de segurança ou intervenções do poder público podem interromper ou modificar as dinâmicas sexuais. De maneira semelhante, Tedson da Silva Souza (2012) explora as dinâmicas de interação nos banheiros públicos e a maneira como as instituições de segurança e administração pública tentam coibir ou reprimir tais práticas, muitas vezes reforçando processos de estigmatização e marginalização dos sujeitos envolvidos.

Como mencionei, Ricardo se tornou uma pessoa marcante em meu trabalho de campo. À medida que eu ia frequentando o espaço e esbarrando com ele, nossas conversas iam se desenrolando. Ele me disse que morava em um barraco no bairro Angari, um dos bairros mais antigos de Juazeiro, conhecido pela população ribeirinha e também pela presença de moradores de baixa renda, contrastando com os prédios e condomínios em sua frente. “Eu vim do Ceará”, ele me explicou e disse que não tinha nenhuma família por ali, embora já houvesse visto uma mulher, aparentemente próxima dele, procurando-o. Posteriormente, disseram-me que era uma parente dele que morava na cidade. Meses depois, ele me disse que não morava mais no barraco, agora dormia ali mesmo, na calçada, mas que sempre precisava ir para outros lugares, estando em situação de rua: “Todo dia é um lugar diferente, não pode dar mole!”. Nem sempre conversávamos: havia dias em que ele estava de bom humor, cumprimentava-me e perguntava sobre meu dia; em outros, não trocava palavra comigo e passava por mim, geralmente, quando

estava mais agitado. As oscilações de humor, posteriormente descobri que tinham a ver com seu consumo de drogas, sobretudo, o uso de crack. Ricardo andava por toda orla da cidade, muitas vezes, com outros rapazes. Ele foi um dos frequentadores que mais me chamou a atenção, especialmente, pela forma com que os outros o tratavam: em geral, com repúdio e evitando qualquer contato com ele. Quando ele aparecia mais desarrumado, as pessoas comentavam, em geral, mencionando seu cheiro. Mesmo Giovane, rapaz que volta e meia dividia cigarros de maconha com ele, comentava que Ricardo estava “perdido na vida”.

Nos primeiros meses que visitei o espaço, encontrei Ricardo cheirando tiner, um absorvente de tinta, em um sábado à tarde, à luz do dia, em um barco abandonado no meio do caminho. Esse foi o primeiro momento que ele não se importou em esconder as vistas dos outros seus usos de substâncias como no início do meu trabalho de campo. Quando eu perguntava sobre trabalho, ele me dizia ser difícil arranjar. O máximo que conseguia era nas barracas, mas sequer recebia dinheiro. Para trabalhar no Centro de Abastecimento S/A (CEASA) com descarregamento de frutas e verduras, onde muitos que frequentavam o território trabalhavam, ele me disse que não tinha forças e era muito magro e fraco. Era comum vê-lo com uma mochila nas costas que, por vezes, via escondida entre arbustos ou pendurada em algum galho.

Quando Ricardo pedia dinheiro em troca de pegação, a ajuda, poucas eram as pessoas que aceitavam. Na maioria das vezes, elas aceitavam quando estavam sozinhas com ele, sem que outros frequentadores soubessem. Se eu fosse seguir as narrativas dos frequentadores, eu evitaria qualquer contato com Ricardo. No entanto, sempre que estávamos sozinhos, eu me sentia tranquilo e ele conversava assuntos banais, ficava curioso, perguntava se eu estudava e de onde eu vim. Em um determinado momento, percebi que ele flertava comigo, muito embora nunca tenha oferecido dinheiro para “curtirmos”. O flerte não rendeu nenhum encontro, mas parece ter produzido uma aproximação entre nós. À medida que fomos conversando cotidianamente, ele me dizia que me via em outros lugares e dizia: “Eu não deixo ninguém mexer com João, não. Ele é de boa!”. Volta e meia nossas conversas perduravam, quando não havia outras pessoas nas margens, então ele me disse, certa vez: “Você é o único que conversa comigo aqui, João!”. Eu fiquei particularmente tocado com a frase dele, sobretudo porque, apesar de ele ser um rapaz na maioria das vezes repudiado pelos frequentadores, também era um dos rapazes que mais entrava nos matos escuros quando as margens estavam mais vazias.

Considero que Ricardo, assim como os outros rapazes, vivia uma ambivalente experiência nas margens do Rio São Francisco, sendo simultaneamente desejado e repellido, oscilando entre objeto de desejo e de repulsa, demonstrando uma dualidade intrínseca que permeia a vivência dessas pessoas. Eles são procurados à sombra, mas rejeitados em público; desejados secretamente, mas desconfiados e estigmatizados abertamente. Esta ambiguidade reflete não apenas a complexidade das interações sociais, mas também a persistente herança do racismo e

da discriminação no Brasil (Gonzalez, 1984). Esses rapazes vivem uma experiência próxima à descrita por Lélia Gonzalez (1984) acerca da mulher negra, com as devidas ressalvas. Ao eleger a mulher negra como objeto central de sua reflexão, Gonzalez (1984) revela uma dualidade intrínseca que oscila entre um desejo efêmero e uma violência persistente sobre os corpos das mulheres negras. A autora desmistifica a exaltação mitológica da “mulata”, argumentando que essa adoração atinge seu ápice apenas durante o Carnaval, para em seguida dissolver-se abruptamente no cotidiano. Segundo Gonzalez (1984), como uma cinderela do asfalto, a mulher negra retorna ao seu estado de subjugação e precariedade, destacando a efemeridade da liberdade e do reconhecimento para as mulheres negras no contexto brasileiro. Assim, a figura desses homens se relacionaria diretamente com os deslizamentos ambivalentes da “mulata”, entrecruzando gênero, racialidade, sexualidade e nacionalidade.

Aproximo à reflexão de Élcio Nogueira Santos e Pedro Paulo Gomes Pereira (2016) acerca das diferenciações entre os homens negros nas saunas paulistas. Debruçando-se sobre a prostituição e as demarcações de raça, Santos e Pereira (2016) demonstra que existe uma diferenciação entre o “moreno” e o “negro”, embora ambas sejam caracterizações sobre os corpos negros, elas desembocam em hierarquias particulares do desejo, cuja consequência seria uma dupla inserção do corpo negro nas saunas: como objeto do desejo e objeto da repulsa. Alertavam-me, como mencionei, constantemente sobre os riscos e os perigos desses corpos, ainda mais, se usassem drogas, se estivessem em situação de rua; mas também havia um desejo que, mesmo cauteloso, rompia-se aos corpos negros. Havia uma classificação e diferenciação particular em relação às pessoas mais pobres, negras e que abarcavam uma performance masculina virilizada, quando envolviam-se no trabalho sexual. Ao contextualizar essas categorias dentro do cenário histórico e social do Brasil, é evidente que a construção do desejo e da repulsa em relação aos corpos negros é profundamente enraizada em estruturas coloniais e na herança da escravidão (Gonzalez, 1984), ecoando nas experiências dos rapazes que enfrentam a ambiguidade de serem desejados e, ao mesmo tempo, marginalizados.

O conceito de emaranhamento, conforme desenvolvido por Erica Lorraine Williams (2013), é fundamental para compreender como as dinâmicas de vulnerabilidade e desejo se manifestam de forma interligada e contraditória nas margens do Rio São Francisco. O termo refere-se à sobreposição de fatores como raça, classe, gênero e território, que se entrelaçam, moldando experiências de maneira ambígua. No contexto da pegação à margem do rio, essa trama de relações redefine o que significa estar simultaneamente vulnerável e desejado, desafiando a compreensão linear desses conceitos. A vulnerabilidade aqui não é apenas um estado de exposição ao risco, mas também um elemento estruturante da experiência do desejo. Como Williams (2013) sugere em sua análise sobre o turismo sexual na Bahia, o desejo pode ser intensificado pela presença da vulnerabilidade, ao mesmo tempo em que reforça hierarquias

sociais e raciais. Nas margens do São Francisco, esse emaranhamento se torna visível na forma como certos sujeitos, como Ricardo, oscilam entre ser estigmatizados e desejados. Sua condição de rua e seu consumo de crack o colocam em uma posição ambígua: ao mesmo tempo em que sua presença é lida como ameaça por alguns frequentadores, ele é procurado na penumbra para encontros furtivos.

Esse emaranhamento revela que a vulnerabilidade não é distribuída de maneira uniforme. Enquanto alguns frequentadores experienciam a margem como um espaço de transgressão e anonimato temporário, para outros, como Ricardo, ela representa a continuidade de um estado de precariedade. Isso reflete a complexidade do desejo e da marginalidade nesse território: os corpos mais racializados e empobrecidos são simultaneamente repelidos e cobiçados, em uma lógica que reitera desigualdades estruturais. O desejo, nesse contexto, não está dissociado das condições materiais de vida, mas emerge delas, reforçando a conexão entre sexualidade, economia e exclusão. O conceito de emaranhamento permite, portanto, uma leitura mais densa da vulnerabilidade na margem, não como uma condição fixa, mas como algo relacional e negociado. A experiência etnográfica demonstra que os riscos enfrentados pelos sujeitos nesse espaço não se limitam à violência física ou à repressão policial, mas também se inscrevem nas dinâmicas do desejo e da discricção. O anonimato e a penumbra, que permitem a existência desses encontros, também ocultam as hierarquias e tensões que os atravessam. Assim, a margem não é apenas um local de perigo, mas um território onde risco e prazer coexistem, estruturando formas particulares de sociabilidade e circulação do desejo.

A relação entre vulnerabilidade, risco e desejo na margem do Rio São Francisco se manifesta de forma intensa nas interações sexuais, especialmente quando analisamos a posição dos corpos racializados nesse espaço. Como argumenta Gonzalez (1984), no Brasil, a construção do desejo está profundamente atravessada por marcadores raciais e hierarquias sociais, gerando uma ambivalência em que certos corpos são simultaneamente estigmatizados e desejados. Essa ambivalência se torna evidente na experiência de interlocutores como Ricardo, cuja condição de marginalidade — marcada pela situação de rua, pelo consumo de crack e pela negritude — o coloca em uma posição de vulnerabilidade. No entanto, essa mesma vulnerabilidade não o exclui do circuito do desejo; ao contrário, ela o insere em uma dinâmica paradoxal, em que é evitado e repudiado em público, mas procurado discretamente na penumbra das trilhas da margem. O risco associado à sua presença — constantemente mencionado pelos demais frequentadores, que o descrevem como um potencial perigo — convive com uma busca silenciosa por encontros sexuais com ele, sempre sob a proteção da escuridão e do anonimato.

A experiência etnográfica revela, assim, como vulnerabilidade e desejo não são categorias opostas, mas interdependentes. O risco, longe de ser um fator externo que ameaça as interações, é um elemento constitutivo do prazer nesses encontros. Para muitos frequentadores,

o medo de ser descoberto ou de ser exposto faz parte da excitação; a adrenalina gerada pela possibilidade de perigo intensifica o caráter clandestino e erótico das interações. Nesse sentido, a vulnerabilidade não é apenas uma condição imposta aos corpos racializados e empobrecidos, mas algo que perpassa todos os sujeitos que circulam nesse território — ainda que de forma desigual. O conceito de “emaranhamento ambíguo” (Williams, 2013) auxilia na compreensão desse processo, ao evidenciar como desejo, marginalidade e perigo se entrelaçam na produção de sociabilidades à margem.

A presença de Ricardo no espaço — ora visto como ameaça, ora como objeto de interesse sexual — exemplifica como a vulnerabilidade se transforma em uma zona de negociação contínua, onde os encontros são marcados por tensões entre atração, repulsa e medo. Portanto, a margem do Rio São Francisco não pode ser pensada apenas como um espaço de exclusão, mas como um território onde o desejo se estrutura a partir de hierarquias de classe, raça e risco. A relação entre vulnerabilidade e prazer, nesse contexto, evidencia como certos corpos são erotizados precisamente por sua posição marginalizada — um processo que, ao mesmo tempo que os insere na dinâmica da pegação, também os mantém em uma condição de exclusão estrutural.

Estar em campo, especialmente nas margens do Rio São Francisco, é confrontar constantemente a realidade de estar em risco. Essa experiência não se restringe apenas aos perigos físicos, mas também às complexas dinâmicas sociais que moldam as interações dentro desses espaços marginalizados. Durante meu trabalho de campo, observei que o risco muitas vezes é moldado pelas narrativas em torno de corpos racialmente marcados, que são percebidos como mais perigosos e arriscados. Em alguma medida, as margens do São Francisco não são apenas territoriais, mas desembocam também em margens simbólicas, criando uma margem dentro da própria margem. Como antropólogo nas margens do Rio São Francisco, percebi que um dos riscos mais latentes estava em aceitar narrativas simplificadas sobre essas pessoas sem questioná-las. Desafiar essas visões revelou camadas mais profundas de vulnerabilidade e marginalidade no território, destacando a necessidade de uma abordagem etnograficamente norteada para compreender esses contextos.

VULNERABILIDADES E ESCRITA ETNOGRÁFICA

O trabalho de campo antropológico pode ser definido, em linhas gerais, como uma série de acontecimentos interconectados de forma não linear, que refletem a complexidade das experiências humanas e dos contatos estabelecidos no campo. A natureza não linear do

trabalho de campo implica que os eventos e experiências não seguem uma sequência pré-determinada. Em vez disso, eles emergem e se desenvolvem de maneiras imprevisíveis. No entanto, na maioria das vezes, são esses eventos imprevisíveis que constituem a capacidade de se surpreender do pesquisador (Cardoso, 1986, p. 101) e se tornam, muitas das vezes, centrais em nossa escrita etnográfica, o que talvez Roberto DaMatta (1978) chame de *anthropological blue*: aqueles hóspedes não convidados da situação etnográfica. Realizar o trabalho de campo, portanto, é quase sempre lidar com uma dispersão de eventos — de maneira quase rizomática — que são sistematizados de forma precária na escrita etnográfica. No entanto, essa precariedade é mitigada pela relação especial que se estabelece entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa: a experiência intersubjetiva etnográfica.

Para Strathern (2014), um momento fundamental do trabalho antropológico é chamado de momento etnográfico, que é produzido na relação triangular entre: trabalho de campo, experiência intersubjetiva e escrita etnográfica: “Poderíamos dizer que o momento etnográfico funciona como exemplo de uma relação que junta o que é entendido (que é analisado no momento da observação) à necessidade de entender (o que é observado no momento da análise)” (Strathern, 2014, p. 350). No entanto, é a relação intersubjetiva do pesquisador com os sujeitos da pesquisa que constrói fundamentalmente a nossa escrita etnográfica; ela produz nosso vislumbre etnográfico (Strathern, 2014), momento no qual somos propriamente afetados em nossas relações de campo, de maneira que estaremos constantemente conectados com aquele(s) ponto(s). Esse é o efeito do deslumbramento: “Uma surpresa inicial se torna uma suspensão, um deslumbramento, e certos tipos de ‘conhecimento especial’ se tornam mais propensos que outros a deslumbrar. É como se estivesse no limiar do entendimento. Referia-me antes a ter ficado hipnotizada” (Strathern, 2014, p. 357). Essa reflexão é importante para entender como o trabalho de campo se desdobra, especialmente em contextos marginais como as margens do Rio São Francisco, e, sobretudo, como essas experiências sobre risco, perigo e vulnerabilidade afetam minha escrita etnográfica.

Durante meu trabalho de campo, o encontro com Ricardo foi especialmente significativo para desvelar reflexões sobre as complexidades e as dinâmicas sexuais presentes nesse ambiente, no entanto, atento para outro aspecto desse encontro com Ricardo: propriamente nossa aproximação parece ter criado um campo etnográfico para mim; tornando-se um deslumbramento acerca de uma vulnerabilidade desconhecida. “Você é o único que conversa comigo aqui, João!” — essa frase, dita em seguida de um abraço, ressoava em minha mente e revelava a profunda abjeção vivenciada por ele e outros frequentadores daquele espaço. Sua vulnerabilidade, em suspensão com a minha, parece ter criado o elemento imprevisível, a memória que perdura durante a escrita, como uma pluma constantemente suspensa no ar.

Em sua exegese sobre a obra de Jeanne Favret-Saada, Suzana de Alencar Vieira (2021)

aborda precisamente como a vulnerabilidade é um elemento central na produção antropológica: “lidar com a vulnerabilidade do sujeito de conhecimento e fazer dela a potência criativa do ofício etnográfico” (Viera, 2021, p. 11). No entanto, é preciso salientar, ao contrário de uma vulnerabilidade posta de antemão, ela emergiu propriamente a partir de nosso encontro, de nossa experiência intersubjetiva, como nos lembra Camilo Braz (2013, p. 35), a vulnerabilidade, a desigualdade e a violência “se produzem e são vividas sempre em contextos culturais, experienciais e relacionais particulares”; não estão predeterminadas na vida social.

O desconforto sentido no campo serve como um mecanismo de descentramento, obrigando o etnógrafo a reconsiderar suas próprias perspectivas e suposições; essa é possivelmente a lição mais velha da antropologia, parte de sua “atitude relativista” (Oliveira, 2000). Este estado de desconforto é essencial para uma compreensão mais profunda das interseções entre posição social, experiências de risco e a produção de conhecimento antropológico. A vulnerabilidade vivida durante esses encontros mexeu com meu olhar etnográfico, permitindo-me questionar como a sexualidade, a marginalidade e o território se entrelaçam na experiência das margens do Rio São Francisco.

Esse encontro intersubjetivo com Ricardo situa-se no limiar entre o trabalho de campo e a escrita etnográfica. É neste espaço de limiar que os vislumbres de campo, conforme descrito por Marilyn Strathern, começam a se repetir na atenção e no olhar do etnógrafo. Strathern (2014) fala dos “vislumbres” que são incontrolláveis, surgindo de maneira imprevisível no campo. Aproximo essa concepção da ideia de Roberto Cardoso de Oliveira sobre como nosso olhar e ouvir são disciplinarmente construídos. O encontro com Ricardo, sua proximidade e sua frase ecoando em minha mente moldaram minha escrita etnográfica. A vulnerabilidade desse encontro aguçou meu olhar sobre a experiência dele e de outros indivíduos em campo, produzindo uma problemática antropológica específica: compreender como sexualidade, marginalidade e territorialidade se interseccionam nas margens do Rio São Francisco.

Essas interações, especialmente com Ricardo, fizeram-me refletir sobre a ambivalência dos corpos marginalizados, desejados em segredo e rejeitados publicamente. Minha escrita etnográfica passou a capturar essa dualidade, buscando não apenas descrever as dinâmicas do campo, mas também contextualizar e questionar as narrativas simplificadas que frequentemente cercam esses indivíduos. A partir de Ricardo e de outros homens, aprendi a olhar mais atentamente para as camadas de vulnerabilidade e marginalidade, reconhecendo a complexidade das experiências vividas à margem do Rio São Francisco. Esse processo de escrita etnográfica, portanto, compreende um ato reflexivo que questiona e problematiza as estruturas sociais e as narrativas dominantes. A etnografia se torna uma forma para refletir as múltiplas camadas de significado e experiência que constituem a vida nas margens, proporcionando uma compreensão mais profunda e nuançada dos emaranhamentos ambíguos que constantemente se proliferam da

vida social. A experiência de Ricardo na margem do Rio São Francisco ressoa com as análises de Silvana de Souza Nascimento (2024) sobre como sujeitos marginalizados, especialmente aqueles racializados e pertencentes a classes populares, vivenciam espaços públicos de maneira ambivalente. Como argumenta Nascimento, esses corpos circulam em territórios nos quais são, ao mesmo tempo, desejados e rejeitados, reconhecidos e invisibilizados. Essa dualidade se reflete nas interações de pegação à margem, em que determinados sujeitos, como Ricardo, são evitados publicamente, mas procurados discretamente na penumbra das trilhas.

A vulnerabilidade nos espaços de pegação à margem do Rio São Francisco não deve ser compreendida apenas como uma condição estática ou exclusivamente associada à precariedade social, mas como um fenômeno relacional, que emerge do contato entre corpos e os contextos sociais específicos em que essas interações ocorrem. A exposição ao risco — seja o risco de ser visto, atacado ou rejeitado — não é apenas um fator externo que ameaça os frequentadores, mas um elemento constitutivo da experiência desejante nesses espaços. O anonimato proporcionado pela escuridão não apenas protege, mas também amplifica a excitação, tornando-se um operador central na dinâmica da pegação. Nesse contexto, a vulnerabilidade não se restringe aos frequentadores do espaço, mas também atravessa o próprio pesquisador, cuja presença no campo é marcada por deslocamentos entre observação e participação. A inserção etnográfica nesses territórios exige um ajuste contínuo às suas regras tácitas e aos afetos que os estruturam, tornando o corpo do etnógrafo não apenas um instrumento de pesquisa, mas também um corpo que sente e é percebido dentro dessas interações. O anonimato, portanto, opera simultaneamente como proteção e exposição, permitindo encontros furtivos ao mesmo tempo em que evidencia hierarquias e desigualdades entre os sujeitos que circulam na margem.

A vulnerabilidade, nesse sentido, se configura como uma condição paradoxal: é o que torna possível a experiência da pegação, mas também o que a torna perigosa. Para muitos frequentadores, a margem do Rio São Francisco é um espaço onde se negocia constantemente entre o desejo e o medo, onde o risco e a excitação se entrelaçam em um jogo contínuo de aproximação e afastamento. Esse jogo, longe de ser um elemento periférico, é constitutivo da própria lógica do espaço, revelando como as interações sexuais nas margens da cidade não são apenas encontros individuais, mas processos socialmente mediados, nos quais a exposição e o refúgio, a presença e a ocultação, estão sempre em disputa. A experiência etnográfica na margem do Rio São Francisco revelou como a vulnerabilidade do pesquisador se entrelaça com as dinâmicas de desejo e perigo que estruturam as interações naquele espaço. O momento em que, ao adentrar a penumbra da margem, o etnógrafo sente simultaneamente excitação, vergonha e receio ao ver um conhecido em um encontro sexual, ilustra essa complexa teia de afetos que atravessa tanto os frequentadores quanto o próprio pesquisador. O desejo e o medo não são apenas categorias individuais, mas experiências socialmente mediadas, moldadas

pela precariedade do espaço, pela clandestinidade das práticas e pela tensão entre anonimato e exposição.

O perigo torna-se um elemento constitutivo da própria experiência da pegação. A excitação gerada pelo risco — de ser visto, de ser abordado, de não saber exatamente quem está presente ou o que pode acontecer — configura uma forma particular de fruição do desejo, em que a adrenalina se mescla com a intensidade do encontro. Essa relação dialética entre vulnerabilidade e prazer não é exclusiva dos interlocutores, mas também envolve o pesquisador, que, ao circular neste espaço, não apenas observa, mas se vê afetado pela lógica das interações. A vulnerabilidade do etnógrafo, ao se colocar simultaneamente como observador e corpo presente, torna-se um instrumento metodológico que permite captar nuances das interações, que talvez fossem invisíveis em uma postura puramente distanciada. Essa vivência reforça a ideia de que a vulnerabilidade não é simplesmente um estado de desproteção ou fragilidade, mas uma condição produtiva, que possibilita formas intensas de encontro, negociação e experimentação. Como Williams (2013) sugere ao discutir o conceito de “emaranhamento ambíguo”, a experiência do desejo é sempre atravessada por relações de poder e risco. Nas margens do Rio São Francisco, essa ambiguidade se torna evidente: aqueles que são vistos como sujeitos perigosos também são desejados na penumbra; aqueles que buscam refúgio na escuridão encontram, simultaneamente, uma forma de exposição.

A vulnerabilidade, portanto, não é apenas uma condição imposta aos sujeitos, mas algo que todos compartilham de maneiras distintas. Ela se torna um operador social que estrutura as interações na margem, regulando quem pode desejar, quem pode ser desejado e sob quais condições esses encontros ocorrem. Para alguns frequentadores, o risco é parte do prazer; para outros, é uma constante a ser administrada. No caso do etnógrafo, essa exposição ao risco, esse sentir-se em campo com o corpo, revela que a produção do conhecimento antropológico nesses territórios passa por uma sensibilidade que não é apenas teórica, mas experiencial. Assim, a pegação na margem não pode ser reduzida a uma prática sexual clandestina, mas deve ser compreendida como uma experiência relacional, na qual anonimato e perigo, desejo e medo, excitação e vulnerabilidade se imbricam. O risco, nesse contexto, não apenas ameaça, mas intensifica o desejo e define as formas como esses encontros se dão. A vulnerabilidade, longe de ser um ponto de fraqueza, constitui o motor dessas interações, criando um emaranhado de relações que desafia classificações simples e evidencia a complexidade das experiências dissidentes de desejo no espaço urbano.

Como argumenta Deborah Gould (2009), as emoções não são meras reações individuais, mas agentes estruturantes das interações sociais e políticas. No contexto da margem do Rio São Francisco, o medo da exposição ou da violência não é apenas um elemento externo que ameaça os encontros sexuais, mas um componente central da experiência desejante. A adrenalina do

risco intensifica as práticas sexuais e redefine o próprio prazer, criando uma ambivalência entre excitação e perigo que molda as sociabilidades da pegação. O desejo na margem é atravessado por uma multiplicidade de emoções que estruturam as interações sociais e sexuais nesse espaço. Como argumenta Deborah Gould (2009), as emoções não são apenas reações individuais, mas forças estruturantes das práticas políticas e sociais. No caso da crise da AIDS, a raiva, a vergonha e a esperança foram essenciais para a mobilização coletiva de grupos como o ACT UP. Embora o contexto da margem do Rio São Francisco seja distinto, também encontramos uma dinâmica em que emoções como medo, ansiedade e excitação moldam as interações sexuais. O medo da violência ou da exposição pública, por exemplo, não apenas funciona como um fator de risco, mas também potencializa o desejo, tornando a experiência da pegação mais intensa. Como observa Green, Holloway e Hubbard (2010), a atmosfera do espaço influencia diretamente a qualidade e a dinâmica das interações. O mesmo pode ser dito sobre a margem, onde a mistura entre risco e desejo produz um tipo particular de excitabilidade sexual, reforçando a ideia de que vulnerabilidade e prazer não são elementos antagônicos, mas constitutivos das experiências sexuais dissidentes.

ÉTICA, RISCO E ANTROPOLOGIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de conduzir trabalho de campo nas margens do Rio São Francisco trouxe à tona os efeitos dos riscos e das vulnerabilidades na escrita etnográfica. Enfrentar essas condições adversas não só afetou minhas concepções sobre perigo e risco, mas também influenciou profundamente a maneira como interpretei e narrei as dinâmicas e as hierarquias presentes no espaço. As violências percebidas no espaço mostraram-se, antes, presentes nas narrativas dos frequentadores, acionando diversas vulnerabilidades tanto dos sujeitos de pesquisa quanto das minhas, como pesquisador. Os desafios éticos em pesquisas etnográficas sobre sexualidade em espaços públicos são inúmeros. Lopes (2020) enfatiza que a simples presença do pesquisador pode alterar a dinâmica do espaço e comprometer a privacidade dos interlocutores, um dilema também enfrentado por Eros Sester Prado Guimarães (2017), pelo qual discute como as territorialidades sexuais operam em parques urbanos. Ambos os autores alertam para a necessidade de desenvolver abordagens metodológicas que respeitem a lógica desses espaços sem interferir em suas dinâmicas. Seguindo essa linha, Paulo Rogers Ferreira (2008) reflete sobre a relação entre afeto, sigilo e identidade em práticas sociais estigmatizadas. No contexto da margem, onde os encontros são marcados por camadas de discrição, sigilo e

possíveis vulnerabilidades, a abordagem metodológica precisa levar em conta a forma como os próprios sujeitos constroem suas redes de proteção e invisibilidade.

Como argumenta Moisés Lino e Silva (2014), as narrativas sobre violências e riscos, quando tomadas de maneira apriorística, muitas vezes, podem por si mesmas consistir em formas de violência; uma violência narrativa sobre os outros. Em busca de uma ética alternativa que busca antes comprometer-se particularmente dentro de cada encontro, Lino e Silva (2014) considera que essas categorias são relacionais e contextuais, não podendo ser limitadas a narrativas generalizantes. Antropologicamente, essa é uma alternativa produtiva e respeitosa para com os sujeitos de pesquisa com os quais trabalhamos. As narrativas sobre risco e vulnerabilidade moldaram não apenas a observação participante, mas também a interpretação e a representação dessas vivências na escrita etnográfica. As interações com indivíduos como Ricardo revelaram camadas profundas de marginalidade e desejo, permitindo uma compreensão mais nuançada das interseções entre sexualidade, marginalidade e território.

Segundo Cláudia Fonseca (2018), o risco é antes uma categoria de acusação, que é negociada dentro de um campo de força, sendo, portanto, relativa e contextual nos campos etnográficos. Ao mesmo tempo, essas categorias atravessam a própria corporeidade do pesquisador, como afirma Silvana Nascimento (2019, p. 460), “estar em campo e escrever a partir dele, é deparar-se com a evidência do seu próprio corpo e lidar com sua visibilidade material e simbólica, colocando-o em questão”. Essas nuances constituem meu encontro com Ricardo, posicionando sua vulnerabilidade em nossa relação, tornando-se central ao meu fazer antropológico. Como afirma Fonseca (2018), a antropologia nos empurra para lugares e pessoas desconhecidas, imprevisíveis em primeiro grau. Os riscos proliferam de maneiras variadas, mas também relativas, não sendo nem desejável, nem possível evitá-los; a responsabilidade antropológica consiste justamente em enfrentá-los em nossa produção etnográfica.

A vulnerabilidade e o perigo, no contexto das interações de pegação na margem do Rio São Francisco, não são apenas condições impostas externamente aos frequentadores, mas elementos constitutivos da própria experiência desejante. A relação entre vulnerabilidade e perigo é dialética, pois um potencializa o outro: estar vulnerável significa estar exposto ao risco, mas essa exposição também intensifica a excitação e a sensação de transgressão que caracterizam esses encontros. Esse jogo entre risco e prazer não é acidental, mas central para a lógica da pegação na margem, pois a tensão de ser visto, de ser descoberto ou de enfrentar situações imprevisíveis é parte do que torna a experiência erótica. O anonimato e a escuridão, que garantem certa proteção, também acentuam o caráter clandestino e instável dos encontros, criando uma atmosfera de adrenalina e excitação.

A insegurança de estar na margem — um território marcado por discursos de violência, criminalidade e exclusão — é a mesma condição que faz com que o desejo ali seja vivido de

maneira intensa. O perigo, portanto, não é apenas um fator externo que ameaça a experiência sexual, mas um elemento que a constitui e a torna desejável. Dessa forma, a margem não pode ser vista apenas como um espaço de vulnerabilidade passiva, mas como um território onde a vulnerabilidade é negociada e experimentada de maneiras diversas. Para alguns frequentadores, o risco faz parte do prazer, enquanto para outros, ele é um limite a ser administrado com cautela. A ambivalência define a forma como as interações sexuais se estruturam nesse território, revelando como as experiências dissidentes de desejo na cidade são marcadas por negociações com o perigo e a clandestinidade. Estar em campo nas margens do São Francisco revelou, portanto, os desafios inerentes à pesquisa antropológica, mas também permitiu explorar e contestar hierarquizações sociais. Ao capturar a dualidade das experiências dos frequentadores da pegação nas margens, minha escrita etnográfica buscou não apenas descrever as dinâmicas do campo, mas também contextualizar e questionar as narrativas simplificadas que frequentemente cercam esses indivíduos.

REFERÊNCIAS

1. AZEVEDO, Pietra. A Senhora é Destruidora Mesmo: Etnografando a socialização e a sociabilidade entre as travestis no contexto urbano mossoroense. **Tessituras**, Pelotas, v. 9, n. 2, p. 236-249, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/tessituras.v9i2.1130>. Acesso em: 22 out. 2025.
2. BRAZ, Camilo. Algumas reflexões sobre as tensões entre antropologia, sexualidade e a regulamentação de pesquisa em/com seres humanos. In: LIMA, Telma Camargo (org.). **Ciclo de Estudos e Debates: Procedimentos Éticos e a Pesquisa Antropológica**. Goiânia: PPGAS/UFG, 2013. p. 40-45.
3. CARDOSO, Ruth. Aventuras de Antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth (org.). **Aventura Antropológica**. Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 95-106.
4. DAMATTA, Roberto. O ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-36.
5. DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
6. DOMINGUES, Bruno Rodrigo Carvalho. **Entre Tradição, Desejo e Poder: uma Amazônia cosmoerótica**. 2019. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
7. FERREIRA, Paulo Rogers. **Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas**.

- Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
8. FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro. v. 4, n. 1, p. 7-33, 1996
 9. FONSECA, Claudia. Pesquisa “Risco Zero”: é desejável? é possível? In: GROSSI, Miriam Pillar; SCHWADE, Elisete; MELLO, Anahi Guedes de; SALA, Arianna (org.). **Trabalho de Campo, Ética e Subjetividade**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2018. p. 195-212.
 10. GOFFMAN, Erving. **Behavior in public places: notes on the social organization of gatherings**. New York: The Free Press, 1963.
 11. GONTIJO, Fabiano. Por uma antropologia antinormativa, pública e comprometida: algumas considerações sobre a diversidade sexual e de gênero no Brasil. **Amazônica - Revista de Antropologia**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 50-72, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/14972/10805>. Acesso em: 13 jul. 2024.
 12. GONTIJO, Fabiano Souza; ERICK, Igor. Diversidade sexual e de gênero e pertencimento étnico na Amazônia brasileira. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 10, n. 1, p. 57-80, 2020. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/821>. Acesso em: 2 dez. 2025.
 13. GONTIJO, Fabiano; DOMINGUES, Bruno; ERICK, Igor. As Experiências da Diversidade Sexual e de Gênero em Quilombos do Nordeste e do Norte do Brasil. **Amazônica: Revista de Antropologia**, Belém, v. 8, n. 1, p. 62-89, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/4725>. Acesso em: 18 fev. 2020.
 14. GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. **ACENO**, Cuiabá, v. 2, n. 4, p. 24-40, 2015. Disponível em: <http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/viewFile/3181/pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.
 15. GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1984.
 16. GOULD, Deborah. **Moving Politics: Emotion and ACT UP's Fight Against AIDS**. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.
 17. GREEN, Adam Isaiah; HOLLOWAY, Julian; HUBBARD, Phil. Space, place and sexual sociality: towards an ‘atmospheric’ analysis. **Gender, Place & Culture**, [s. l.], v. 17, n. 5, p. 619-636, 2010. Disponível em: <https://www.doi.org/10.1080/0966369X.2010.503117>. Acesso em: 22 out. 2025.
 18. GUIMARÃES, Eros Sester Prado. **Um grito chamado silêncio: uma errância etnográfica da pegação à produção social dos parques Ibirapuera**. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
 19. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Instituto Brasileiro de

- Geografia e Estatística. **Estimativas da População 2022**: Juazeiro (BA). Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
20. LINO E SILVA, Moisés. The Violence of Structural Violence: Ethical Commitments and an Exceptional Day in a Brazilian ‘Favela. **Built Environment**, [s. l.], v. 40, n. 3, p. 314–25, 2014. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43296899>. Acesso em: 14 jul. 2024.
 21. LOPES, Maycon. Researching in Silence: Attention and Ethical Issues in Sexual Encounters in a Public Toilet. **Etnofoor**, [s. l.] v. 32, n. 2, p. 13-30, 2020. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26964285>. Acesso em: 22 out. 2025.
 22. NASCIMENTO, Silvana de Souza. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. **Revista De Antropologia**, São Paulo, v. 62, n. 2, p. 459-484, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161080>. Acesso em: 22 out. 2025.
 23. NASCIMENTO, Silvana de Souza. De romeiras a rameiras: percursos entre gênero e cidade às margens da antropologia urbana. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 32, ed. esp., e230770, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-3341.pontourbe.2024.230770>. Acesso em: 22 out. 2025.
 24. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.
 25. OLIVEIRA, Thiago Lima; NASCIMENTO, Silvana de Souza. Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em João Pessoa. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 19, p.44-66, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.19.05.a>. Acesso em: 22 out. 2025.
 26. PASSAMANI, Guilherme. “É ajuda, não é prostituição”. Sexualidade, envelhecimento e afeto entre pessoas com condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 51, e175109, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510009>. Acesso em: 22 out. 2025.
 27. PISCITELLI, Adriana. Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia Oliveira de; OLIVAR, Jose Miguel Nieto (org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2011. p. 537-582. (Coleção Encontros).
 28. ROSÁRIO, Marlon Araújo do. Intimidades (quase) públicas: o uso do urbano nas pegações do Jardim de Alah em Salvador, Bahia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 33, n. 2, e215769, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227180>. Acesso em: 22 out. 2025.
 29. SANTOS, Élcio Nogueira; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 133–154, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p133>. Acesso em: 22 out. 2025.
 30. SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo:

- cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 35, p. 37-78, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000200003>. Acesso em: 22 out. 2025.
31. SOUZA, Tedson da Silva. **Fazer banheiro**: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da Estação da Lapa e adjacências. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
32. STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
33. VIEIRA, Suzana de Alencar. Força e vulnerabilidade: lições de etnografia e feitiçaria na obra de Jeanne Favret-Saada. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, e273203, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-49442021v27n3a203>. Acesso em: 22 out. 2025.
34. WILLIAMS, Erica Lorraine. **Sex Tourism in Bahia**: Ambiguous Entanglements. University of Illinois Press, 2013.

João Victor Gomes Varjão

Professor da Universidade do Estado da Bahia. Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2651-5366>. E-mail: jvgomesvarjao@gmail.com